



BUSCA FEBRIL DE JAZIDAS DE PETRÓLEO E GÁS CHEGA ÀS MALVINAS

*Países Latino-Americanos e Caribenhos
se unem em defesa da Argentina*

Marcos Arruda¹

Temos lido e ouvido tanto sobre as catástrofes que já começaram a acontecer pelo mundo afora, resultantes do aquecimento global. E que a escalada do aquecimento tem entre seus fatores a emissão de gases-estufa de duas fontes principais: combustíveis fósseis e emissões industriais. Assim, mesmo, o *Homo Sapiens Stultus* continua sua procura febril por novas jazidas de petróleo e gás.

Está em progressão a consciência de que o Ocidente capitalista é insustentável, justamente porque só pode sobreviver crescendo. Como seu objetivo é o lucro, que vem do consumo dos produtos que coloca nos mercados, ele precisa persuadir pessoas, comunidades, nações da ilusão de que elas nunca têm o suficiente. É o mito da ESCASSEZ. E usam o bombardeio da propaganda para nos convencer a consumir sempre mais. Se isto se faz às custas da depredação de ecossistemas, do esgotamento de reservas naturais, da inundação da Terra, do ar, dos rios e oceanos pelo lixo de todo tipo, não importa para esse sistema. Assim, a sede ilimitada de fontes de energia –

sobretudo as não-renováveis - faz parte integrante do padrão de produção e consumo do capitalismo mundial.

Três empresas inglesas exploradoras de petróleo e gás estão pesquisando as bacias norte e sul das Ilhas Malvinas. Estas ilhas se situam na plataforma continental da Argentina. Junto com a Bacia da Nova Escócia, dão continuidade geológica à Patagônia. Em 1816, quando se libertou do jugo colonial espanhol, a Argentina proclamou sua soberania também sobre as Ilhas Malvinas. Em 1833, porém, a Inglaterra lançou um repto argumentando que as ilhas pertenciam ao quinhão colonial da coroa britânica. Em 1982, a Argentina tentou ocupar fisicamente as Ilhas, e foi derrotada numa guerra intensa, que durou dois meses e custou a vida de 649 argentinos e 255 ingleses. Desde o fim da Idade Média, na barbárie do capital se sacrificam vidas em troca de controle sobre a linha imaginária chamada fronteira. Controle inclusive sobre as riquezas materiais que ela contém. E essa loucura continua pelo século 21 adentro.

A Cúpula da Unidade da América Latina e Caribe, reunida nestes dias de fevereiro em Playa del Carmen, México, para discutir a criação de uma Comunidade da América Latina e Caribe, fez uma declaração conjunta em favor da soberania da Argentina sobre as Ilhas Malvinas e suas riquezas naturais. Quem conhece o poderio bélico britânico e da OTAN vai achar irrisória esta declaração. Mas nem só pela via da guerra se resolvem conflitos diplomáticos. A

postura da Cúpula é politicamente muito importante, pois desvela a unidade de todo um continente em torno do direito histórico de um dos seus países membros. É uma postura solidária, e tem o mesmo fundamento da famosa Doutrina Monroe, que os Estados Unidos aplicam a todas as Américas desde 1823. Por esta doutrina, toda tentativa de países europeus de colonizarem ou clamarem por direitos sobre territórios das Américas seria vista como um ato de agressão, o que daria direito à intervenção armada pelos EUA.

Estima-se que as jazidas das Ilhas Malvinas incluam 60 bilhões de barris de petróleo e 223,7 bilhões de metros cúbicos de gás. Pelo lado da história, a Argentina tem dois trunfos. Um, a continuidade territorial das Ilhas Malvinas; outro, a Inglaterra é grande devedora da Argentina de uma dívida histórica de incontável valor. Assim como o governo inglês cancelou a dívida externa do Haiti, faria todo o sentido que devolvesse à Argentina o território das Ilhas Malvinas.

Não havendo força militar na Argentina, nem no conjunto do nosso continente, suficiente para defender militarmente as ilhas, com que outros meios contamos? Primeiro, com os argumentos históricos e socio-políticos que expusemos acima; segundo, com a unanimidade política dos países do continente em favor da Argentina; e, terceiro, com um duplo poder pouco explorado, mas de enorme potencial persuasivo.

Trata-se do poder de intervenção econômica dos governos e do poder de boicote dos consumidores. Artigo no Daily Telegraph¹ externa preocupação com possíveis medidas do governo argentino em retaliação contra a chegada de plataforma de perfuração inglesa na

¹ Socieconomista do PACS.

²<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/southamerica/falkzlandislands/7272926/British-firms-could-be-hit-in-revenge-for-Falklands-oil-drilling.html>

costa norte das ilhas. Os bancos HSBC e Barclays podem perder negócios na Argentina. A BHP Billiton tem investimentos nos hidrocarbonetos das ilhas e no cobre da Argentina. Barclays é líder nas negociações da dívida argentina com bancos privados, no valor de 65 bilhões de libras esterlinas, atualmente em moratória. Portanto, particularmente vulnerável a uma ação do governo argentino. Mas não só. Se outros países da América Latina e Caribe decidirem que a causa argentina merece uma ação conjunta, uma intervenção bem mais incisiva poderia vitimar os interesses bancários da Inglaterra no nosso continente.

Mas o poder dos consumidores é também potencialmente arrasador. Imaginemos que em todo o continente da América Latina e Caribe lançamos uma campanha de boicote aos produtos das empresas de base inglesa, desde os combustíveis da Shell e da British Petroleum, passando pelos minérios da Billiton, até os produtos de consumo da Unilever (alimentos, perfumaria, etc.) em nome da defesa da soberania da Argentina sobre as Malvinas.² Este poder persuasivo merece fazer parte da estratégia dos 32 povos e países latino-americanos e caribenhos, em defesa da soberania energética, econômica e territorial do continente.

Talvez a humanidade esteja esperando que se consuma a profecia do chefe indígena norte-americano: “Só quando a última árvore tiver morrido e o último rio estiver envenenado e o último peixe pescado é que nos daremos conta de que não podemos comer dinheiro.” (Sabedoria Cree, 1909)³

³ Para ver a lista de produtos de consumo da Unilever, visite <http://pt.wikipedia.org/wiki/Unilever>

⁴ “Only when the last tree has died and the last river been poisoned and the last fish been caught, will we realize that we cannot eat money.” Cree Wisdom. 1909